

# Gustavo Gutiérrez: um discípulo de Bartolomeu de Las Casas no mundo de hoje

GONÇALO PEREIRA DINIZ, OP\*

**Sumário:** Com este artigo, pretende-se apresentar um teólogo dominicano contemporâneo, Gustavo Gutiérrez, cujo pensamento teológico está muito marcado pela vida e obra do grande missionário espanhol do século XVI, Bartolomeu de Las Casas, também ele dominicano. Las Casas destacou-se como um enérgico e corajoso defensor dos índios da América espanhola do século XVI. Cerca de 500 anos mais tarde, a partir das linhas mestras do pensamento de Las Casas, Gustavo Gutiérrez irá fazer irromper na Teologia uma nova perspetiva: a perspetiva das massas marginalizadas e pobres da América Latina dos anos 60-80, os grandes 'ausentes da história', as 'não pessoas'. Em comum entre os dois autores podemos sublinhar a coragem da denúncia profética e o inconformismo com sistemas sociais, políticos e económicos fundados no privilégio oligárquico, na violência e na opressão.

**Palavras-chave:** Bartolomeu de Las Casas, Gustavo Gutiérrez, pobres, direitos, dignidade, opressão, idolatria.

\* Aluno de Doutoramento da Faculdade de Teologia do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.

**Abstract:** With this article, we wish to present a contemporary Dominican theologian, Gustavo Gutiérrez, whose theological thinking is very much influenced by the life and work of the great Spanish missionary of the XVI century, Bartolomé de Las Casas, himself a Dominican. Las Casas was renowned as a vigorous and brave defender of the Indians of the Spanish Americas in the XVI century. About 500 years later, following the main lines of thought of Las Casas, Gustavo Gutiérrez will present to the world of Theology a new perspective: the perspective of the marginalized and poverty stricken masses of Latin America during the decades of 60-80, the great 'absentees of history', the 'non-persons'. In common between both authors we can underline the courage of the prophetic denunciation and the nonconformity with social, political and economic systems founded on oligarch privilege, violence and oppression.

**Keywords:** Bartolomé de Las Casas, Gustavo Gutiérrez, the poor, rights, dignity, oppression, idolatry.

No contexto do tema geral destas Terceiras Jornadas de História Dominicana – 'Espaços. Homens. Percursos' –, pretende-se apresentar um teólogo dominicano contemporâneo, Gustavo Gutiérrez, cujo pensamento teológico está muito marcado pela vida e obra do grande missionário espanhol do século XVI, Bartolomeu de Las Casas, também ele dominicano. Las Casas destacou-se como um enérgico e corajoso defensor dos índios da América espanhola do século XVI. Cerca de 500 anos mais tarde, a partir das linhas mestras do pensamento de Las Casas, Gustavo Gutiérrez fará irromper na Teologia uma nova perspetiva: a perspetiva das massas marginalizadas e pobres da América Latina dos anos 60-80, os grandes 'ausentes da história'. Em comum entre os dois autores podemos sublinhar a coragem da denúncia profética e o inconformismo com sistemas sociais, políticos e económicos fundados no privilégio oligárquico, na violência e na opressão.

A presente comunicação é composta de três partes principais: uma primeira parte, na qual se apresenta, separadamente, uma breve biografia de Bartolomeu de Las Casas e de Gustavo Gutiérrez; uma segunda parte, onde se procede ao levantamento de uma série de analogias e coincidências de percurso entre um e outro autor, ao nível do seu pensamento e ação, sem prejuízo dos cerca de 500 anos que os separam; e, finalmente, algumas apreciações sobre a obra de um e outro autor.

## Bartolomeu de Las Casas

Bartolomeu de Las Casas nasceu em Sevilha, no ano de 1474, e faleceu em Madrid, a 17 de julho de 1566, com 92 anos de idade. Filho de um mercador que fora companheiro de viagem de Cristóvão Colombo, Bartolomeu de Las Casas comungou desde o início, na sua qualidade de colono, do espírito entusiástico associado à conquista do Novo Mundo. Inicialmente dedicado ao comércio, na ilha de La Hispaniola, será posteriormente ordenado sacerdote e, gradualmente, porá em causa, cada vez com maior vigor, os abusos da colonização espanhola em relação às populações indígenas.

Enquanto simples colono e mesmo já depois de ter sido ordenado sacerdote, Bartolomeu de Las Casas toma-se, também ele, titular de um *repartimiento* ou *encomienda*, um sistema económico colonial que consistia no domínio de um grupo de índios que trabalhavam para o colono, fosse nas minas, a extraírem ouro ou outros metais preciosos, fosse nos campos agrícolas. O colono titular de um *repartimiento* ou *encomienda*, por sua vez, tinha o dever de sustentar os índios, evangelizá-los e proteger as províncias a que pertenciam. Na prática, redundava num verdadeiro sistema de escravatura.

O ponto de viragem – a sua conversão – surge a partir de um célebre sermão pregado pelo padre dominicano António Montesinos às autoridades coloniais de La Hispaniola, no quarto Domingo de Advento de 1511 (21 de dezembro de 1511), no qual Bartolomeu de Las Casas esteve presente<sup>1</sup>. Na ocasião, Montesinos, com o apoio de toda a sua comunidade, denunciou corajosamente o espírito de ganância prevalecente e os maus-tratos infligidos aos índios por parte dos colonos espanhóis, colocando abertamente a questão: “E estes, não serão homens? Não têm almas racionais? Não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos?”<sup>2</sup>.

Estas intervenções da comunidade dominicana da ilha La Hispaniola a favor dos índios estão na origem da chamada ‘Controvérsia das Índias’, na qual Las Casas se destacou como uma das vozes mais inconformadas com a política colonial do império espanhol.

Ainda antes de se tornar dominicano, em 1522 (ou 1523?), passa a denunciar abertamente o sistema das *encomiendas* e os abusos infligidos sobre os indígenas, advogando uma colonização pacífica das Índias Ocidentais, não

<sup>1</sup> Os dominicanos, liderados por frei Pedro de Córdoba, haviam chegado à ilha de La Hispaniola em 1510. O sermão de António Montesinos e da comunidade dominicana ficou conhecido na história como ‘o grito de La Hispaniola’.

<sup>2</sup> Cf. MONTESINOS, António; LAS CASAS, Bartolomeu; VITÓRIA, Francisco, *E Estes Não Serão Homens?*. Coimbra: Ed. Tenacitas, 2014, p. 19. O texto original é de Bartolomeu de Las Casas, que tem uma crónica sobre este episódio na sua obra *Historia de las Indias*.

sem grande oposição e resistências. Mas os seus múltiplos esforços e diligências junto das autoridades espanholas<sup>3</sup> em favor dos índios conhecerão algum sucesso (relativo), com a publicação das chamadas 'Leis Novas', em 20 de novembro de 1542, que restringem o sistema das *encomiendas* e a consequente escravatura dos índios.

Para além da ilha de La Hispaniola, Las Casas também viveu em Cuba, assim como em territórios da atual Venezuela, Peru, Nicarágua e Guatemala. Posteriormente, já com 70 anos de idade, com o apoio do imperador Carlos V, será nomeado Bispo de Chiapas (México), onde terá uma oportunidade para concretizar a sua política de evangelização dos povos nativos e colonização pacífica. Contudo, permanecerá no México apenas durante três anos (1544-47), em razão de vários desencontros e situações de tensão com as autoridades locais.

Em 1547 regressa a Espanha, não mais regressando à América. Contudo, continua a sua campanha pela defesa dos índios. Além desta polémica em torno dos direitos dos índios, em agosto de 1550, Las Casas mantém, ao estilo de uma *disputatio* medieval, uma controvérsia com o teólogo espanhol Juan Ginés Sepúlveda, defensor do *statu quo*, que ficará conhecida como 'Controvérsia de Valladolid'. Segundo parece, Sepúlveda levou a melhor.

Para além de *História das Índias*, uma das suas obras mais famosas será a *Brevíssima relação da destruição das Índias*, publicada em Sevilha, no ano de 1552, onde denuncia os abusos e atrocidades cometidos pelos colonos e conquistadores espanhóis sobre os índios e as suas terras, na busca desenfreada de ouro e outras riquezas naturais.

Las Casas permanece até aos dias de hoje como símbolo da consciência cristã e dos movimentos de emancipação e afirmação dos direitos dos índios da América espanhola, e um dos grandes missionários e humanistas da história da Igreja.

## Gustavo Gutiérrez

Gustavo Gutiérrez é um conhecido teólogo peruano, ligado umbilicalmente à Teologia da Libertação, que tivemos o prazer e privilégio de conhecer pessoalmente em Sevilha (curiosamente, terra natal de Bartolomeu de Las Casas!), durante o ano de noviciado. Na altura, no ano letivo de 2005-06, Gustavo Gutiérrez foi convidado para falar no convento de São Tomás, em Sevilha, sobre Mons. Óscar Romero, o Arcebispo de São Salvador, assassinado

<sup>3</sup> Em particular, o Conselho das Índias e o próprio imperador Carlos V.

em 1980, e de quem Gustavo Gutiérrez fora amigo pessoal. Na altura, causou-nos um grande impacto, quer pela sua autoridade natural quer pelo seu profundo saber.

Gustavo Gutiérrez, “esse pequeno homem, simples, amável”<sup>4</sup>, nasceu em Lima, capital do Peru, no bairro de Monserrat, no dia 8 de junho de 1928, no seio de uma família modesta.

Cresceu com duas irmãs e, ainda muito novo – com apenas 12 anos –, contraiu osteomielite, uma doença grave que o condicionou muitíssimo, ao ponto de ter de deixar de frequentar a escola durante alguns anos. Mas nem por isso deixou de estudar persistentemente a partir de casa. A doença marcou-o pelo menos de dois modos significativos: por um lado, sensibilizou-o para o fenómeno da marginalização e do sofrimento, por outro, para a importância de valores como a solidariedade e a esperança.

Aos 18 anos ingressou no curso de Medicina, mas essa não seria a sua escolha definitiva, já que aos 24 anos trocou a Universidade pelo Seminário, com o intuito de seguir uma vocação sacerdotal.

Pouco depois da sua entrada no Seminário, os seus superiores encorajam-no a ir estudar para a Europa. Entre 1951 e 1959, Gustavo Gutiérrez estuda filosofia, psicologia e teologia na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, na Universidade de Lyon, em França, e ainda na Universidade Gregoriana de Roma.

Em 1959, Gustavo Gutiérrez é ordenado sacerdote para a sua diocese de Lima, no Peru, e nomeado para uma paróquia do bairro pobre de Rimac. O seu trabalho pastoral incluiu também a assistência espiritual de vários movimentos cristãos; simultaneamente, mantém a sua atividade na área académica, tornando-se professor na Universidade Católica local.

Gustavo Gutiérrez tem uma longa e prestigiosa carreira académica, tendo sido distinguido, entre outros prémios e homenagens, com diversos doutoramentos *honoris causa* por várias universidades europeias e norte-americanas.

Gustavo Gutiérrez é muitas vezes conhecido como o ‘pai’ da Teologia da Libertação, ainda que esta qualificação seja um bocado simplista. Efetivamente, existem numerosos teólogos da libertação, de diferentes tendências, que marcaram decisivamente este movimento teológico sul-americano que nasceu em finais dos anos 60<sup>5</sup>. Agora, é certo que Gustavo Gutiérrez

<sup>4</sup> DE SAUTO, Martine, Gustavo Gutiérrez, le père de la Théologie de la Libération. *Journal La Croix*, 24/03/2012.

<sup>5</sup> É o caso dos irmãos Boff (Clodóvis e Leonardo), Enrique Dussel, Jon Sobrino, Ignacio Ellacuría, Eduardo Galeano, Eduardo Francisco Pironio, Pablo Richard, Hugo Assman, Juan Carlos Scannone, entre outros.

é um nome incontornável neste domínio, pois, de facto, foi ele quem cunhou a expressão 'Teologia da Libertação'<sup>6</sup>.

O seu pensamento teológico irá ter um profundo impacto e influência, primeiro na América Latina, desde logo nas Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín (1968) e de Puebla (1979), e, posteriormente, a nível global, fruto de inúmeras conferências um pouco por todo o mundo e de uma extensa bibliografia associadas ao seu prestígio académico. As suas ideias tiveram um grande impacto no mundo da teologia, mas também no mundo da política. De resto, a 'Teologia da Libertação' assume-se desassombadamente como uma Teologia Política.

Das suas várias obras publicadas, destacaríamos *Teologia da Libertação* (1971), onde coloca a questão da relação entre a salvação e o processo histórico de libertação do homem e se propõe tratar das grandes opções abertas à Igreja latino-americana; e a obra *Beber no seu próprio poço* (1983), um livro que busca, através do itinerário espiritual dos povos andinos, alicerçar espiritualmente a Teologia da Libertação, até então muitas vezes acusada de ser demasiadamente secularizada e horizontalista.

Como tributo à enorme influência que exerceu Bartolomeu de Las Casas sobre a sua mundividência teológica, Gustavo Gutiérrez tem publicados dois livros em que trata particularmente do pensamento de Las Casas, a saber: *Deus ou o ouro das Índias, século XVI* e *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*.

Além destas publicações, fundou, na sua cidade natal de Lima, no Peru, em 1974, o Instituto Bartolomé de Las Casas, com o fim expresso de contribuir para o processo de libertação social e para o desenvolvimento humano no seu país, a partir da perspectiva da opção preferencial pelos mais pobres.

A Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez viveu por vezes alguns momentos de tensão com Roma, nomeadamente pelas suas incursões em matérias políticas e pela adoção de algumas teses marxistas como chave de leitura da história e da vida política e económica da América Latina. De todo o modo, estas situações foram remediadas com alguns pedidos de esclarecimento oportunos e algumas advertências pontuais.

Entretanto, pode-se verificar, nas últimas décadas, um verdadeiro processo de 'normalização' da Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez, processo este que começou com a *Instrução sobre a liberdade cristã e a*

<sup>6</sup> Esta expressão foi utilizada pela primeira vez numa conferência de Gustavo Gutiérrez em Chimbote, num encontro de sacerdotes do Peru, em julho de 1968. Ela põe em relevo a dimensão libertadora do Evangelho ao nível da justiça social e da emancipação dos pobres, algo particularmente relevante no contexto político e social da América Latina daquela época. Em 1971, é publicada a obra magna deste autor, precisamente intitulada *Teología de la Liberación*.

libertação', da Congregação para a Doutrina da Fé, de 22 de março de 1986, um documento que adota uma atitude e um tom muito mais tolerantes em relação à Teologia da Libertação, em geral. Posteriormente, uma célebre carta do Papa João Paulo II, dirigida aos bispos brasileiros, em 9 de abril de 1986, intitulada 'Orientações para a vida eclesial e para a tarefa evangelizadora', o Santo Padre afirma: "A Teologia da Libertação é não só útil como necessária"<sup>7</sup>.

Ainda no âmbito deste processo de 'normalização', podemos também referir a publicação conjunta do livro *Pobre para os pobres*, do Cardeal Gerhard Ludwig Müller e Gustavo Gutiérrez, em 2004<sup>8</sup>.

Finalmente, a título de exemplo, podemos ainda destacar o facto de o Papa Francisco, pouco depois de ter assumido o cargo pontifício, ter recebido Gustavo Gutiérrez no Vaticano, no dia 11 de setembro de 2013, num gesto de inegável acolhimento.

### **Bartolomeu de Las Casas e Gustavo Gutiérrez: coincidências de percurso**

Cinco séculos separam Bartolomeu de Las Casas de Gustavo Gutiérrez, mas são muitos os pontos de interseção no itinerário de vida e de trabalho destes dois teólogos e evangelizadores. Além de pertencerem ao universo *hispano-hablante* e de, um e outro, terem sido, num primeiro momento, ordenados sacerdotes seculares, tendo entrado mais tarde na Ordem dos Pregadores, há ainda coincidências de percurso, algumas das quais analisaremos de seguida.

Ambos introduzem, na sua respetiva época histórica, mensagens novas e potencialmente subversivas face ao *statu quo* político e social. Las Casas regista, na sua crónica da chegada dos dominicanos a La Hispaniola, que as autoridades coloniais locais – de onde se destacava o governador Diego Colón, filho de Cristóvão Colombo –, acusaram António Montesinos e os seus confrades, no seguimento do famoso sermão de 21 de dezembro de 1511, de semearem uma "doutrina nova nunca ouvida"<sup>9</sup>. Mas, de facto, em sociedades de tradição cristã, quantas vezes a pureza e simplicidade do texto evangélico não consubstanciará, efetivamente, uma "doutrina nova nunca ouvida"?

<sup>7</sup> Cf. TAMAYO-ACOSTA, Juan-José, *Para comprender la Teología de la Liberación*. Estella, Navarra: Ed. Verbo Divino, 2.ª ed., 1989, p. 155-159.

<sup>8</sup> O Cardeal Gerhard L. Müller foi nomeado, em 2012, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

<sup>9</sup> Cf. MONTESINOS, António; LAS CASAS, Bartolomeu; VITÓRIA, Francisco, *E Estes Não Serão Homens?*, p. 13.

José-María Chacón y Calvo afirma, a propósito do sermão de Montesinos: “[...] nesses momentos solenes, na humilde casa de alguns frades audaciosos, nascia um direito novo. Um direito cujas raízes profundas são teológicas”<sup>10</sup>.

E, de facto, quer a teologia de Las Casas quer a teologia de Gustavo Gutiérrez estão muito marcadas, de modo original, pela noção da justiça ao nível das relações humanas, um conceito muito sublinhado na Sagrada Escritura, quer no Antigo Testamento quer no Novo Testamento. Efetivamente, nestes dois autores revela-se uma grande preocupação em aplicar a Revelação divina à situação histórica concreta, aos homens de carne e osso, particularmente àqueles que sofrem a opressão de sistemas iníquos e violentos, que não têm a dignidade da pessoa humana – de *toda* a pessoa humana – como valor primeiro<sup>11</sup>.

Neste aspeto, quer Las Casas quer Gustavo Gutiérrez distanciam-se muito da teologia tradicional escolástica e neoescolástica, de carácter academicista, que se limitava a refletir sobre questões do passado, de carácter mais abstrato e dedutivo, com pouca preocupação com o presente histórico e os seus desafios. Pelo contrário, Las Casas e Gustavo Gutiérrez advogam, antes e sobretudo, um Evangelho ‘incarnado’, socialmente comprometido, que acompanhe e dê resposta aos problemas do homem de hoje. A este propósito, citamos Yves Congar, um teólogo francês do século XX, que teve grande influência sobre Gustavo Gutiérrez:

Não nos podemos mais contentar em repetir o antigo, partindo das ideias e dos problemas dos séculos XVIII ou XVI. Temos de partir dos problemas, senão das ideias de hoje, como de um novo dado a ser esclarecido, sem dúvida, pelo dado evangélico de sempre, mas sem beneficiarmos de elaborações já adquiridas e possuídas na calma de uma tradição assegurada.<sup>12</sup>

Indo um pouco mais além, ao pensamento cristão não pode nunca ser indiferente o destino material e as questões de justiça deste mundo. Mais concretamente, Gustavo Gutiérrez pretende que a reflexão teológica seja um meio efetivo de “construção de uma sociedade distinta, mais livre e mais humana”<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo, *Dieu ou l'or des Indes Occidentales*. Paris: Cerf, 1992, p. 21.

<sup>11</sup> A esta ligação entre a realidade histórica e a Revelação divina, a Escola dominicana da época designará por ‘juntar os factos ao direito’ (direito divino, entenda-se).

<sup>12</sup> Cf. CONGAR, Yves, *Situation et tâches présents de la théologie*. Paris: Cerf, 1967, p. 72. Tradução nossa.

<sup>13</sup> Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo, *Teología de la Liberación*. Salamanca: Ed. Sígueme, 2009. Ver §1 da Introdução à 1.ª edição.

Na perspectiva de Las Casas e de Gustavo Gutiérrez, a teologia tem de ser vivida como extensão do mistério da Encarnação de Deus na história humana, pois só assim ela alcançará a plenitude do seu sentido.

A novidade de uma teologia comprometida socialmente, advogada pela comunidade dominicana de La Hispaniola e por Las Casas, bem como por Gustavo Gutiérrez, conduzem, por sua vez, ao confronto com sistemas e instituições estabelecidas, de natureza política e social e, inclusivamente, religiosa.

Numa ordenança real de 20 de março de 1512, em resposta a Diego Colón – governador de La Hispaniola –, o rei Fernando II de Aragão faz referência à intervenção de Montesinos, censurando-a por pôr em causa os “direitos da Coroa e os sólidos fundamentos teológicos e canônicos da servidão imposta aos índios pelos cristãos”. Conclui o rei, nessa carta, que a atitude da comunidade dominicana só se poderá explicar por ignorância: “porque não estavam informados de nenhuma das razões que nos conduziram, a mim e à rainha, a atribuir os índios por *repartimiento*”<sup>14</sup>.

Também Alonso de Loaysa, Provincial dos Dominicanos em Espanha, adota a posição do governador e do rei, escrevendo a fr. Pedro de Córdoba, o prior da comunidade dominicana de La Hispaniola, admoestando os frades. Mas a comunidade dominicana e Las Casas manterão a sua posição de que a evangelização tem de seguir a par e passo com a justiça e intensificarão a sua luta em defesa dos índios, ao arrepio do sistema colonial vigente.

Esta postura ‘antissistema’ está também muito presente na Teologia da Libertação que Gustavo Gutiérrez, juntamente com outros teólogos, irá descobrir ao mundo. Um alvo preferencial desta corrente teológica diz precisamente respeito ao sistema capitalista, na sua versão latino-americana, das décadas de 60-80, assente no autoritarismo e na violência institucionalizada dos ‘Governos de Segurança Nacional’, de que foram exemplos as ditaduras militares no Uruguai, no Paraguai, no Chile, no Peru, no Equador, na República Dominicana, na Argentina e no Brasil.

Se a teologia progressista europeia dessa época tinha a preocupação de responder ao desafio dos ‘não crentes’, a Teologia da Libertação quis responder ao desafio das ‘não pessoas’ ou dos ‘ausentes da história’ na América Latina. Estes ‘ausentes’ ou ‘não pessoas’ são as massas de seres humanos, na América Latina, que eram explorados e absolutamente desconsiderados, nos seus direitos mais básicos, por uma sociedade fundada no privilégio de uma oligarquia, que presidia a países dependentes economicamente dos grandes centros internacionais de decisão capitalista.

<sup>14</sup> Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo, *Dieu ou l'or des Indes Occidentales*, p. 23-24. Tradução nossa.

Esta posição 'antissistema' aberta pelo movimento da Teologia da Libertação influenciará muito a Igreja latino-americana, como o comprovam as conclusões das conferências gerais do episcopado latino-americano de Medellín (1968) e de Puebla (1979), e está na origem de muitas perseguições sangrentas à Igreja desta região do mundo. A título de exemplo, destacamos os seguintes: o assassinato do P.<sup>e</sup> Henrique Pereira Neto, em 1968, colaborador próximo do arcebispo D. Hélder Câmara, no Brasil<sup>15</sup>; o assassinato do P.<sup>e</sup> Juan Alsina, no Chile, em 1973; o assassinato do bispo argentino Enrique Ángel Angelelli, em 1976; o assassinato do P.<sup>e</sup> Rutilio Grande, em 1977, em El Salvador; o assassinato do arcebispo Óscar Romero, em 1980, também em El Salvador; o assassinato do P.<sup>e</sup> Luís Espinal, na Bolívia, em 1980; o assassinato do P.<sup>e</sup> Ignácio Ellacuría e demais companheiros jesuítas e colaboradores ('Massacre de UCA', El Salvador, 1989); e o assassinato do bispo Juan Gerardi, na Guatemala, em 1998.

Além deste carácter antissistema – sistemas injustos e opressores, entenda-se –, comum a Las Casas e a Gustavo Gutiérrez, e da sua incontestável coragem moral e física, no plano da ética social cristã descortinam-se três grandes valores que presidiram coerentemente à vida e pensamento destes dois homens: o princípio da dignidade da pessoa humana, o sentido profundo do bem comum e a opção preferencial pelos mais pobres.

Estes três princípios éticos não podem ser separados na atividade missionária destes dois homens. Os três princípios estão umbilicalmente ligados. De facto, é porque reconhecem a igualdade essencial de todos os homens, na sua dignidade de filhos de Deus e irmãos entre si, que um e outro tomam o partido da parte social mais fraca, destituída de direitos e sujeita a todo o género de abusos e maus-tratos. Por isso, Las Casas torna-se a voz dos índios e Gustavo Gutiérrez a voz dos mais pobres da América Latina. Inclusivamente, Gustavo Gutiérrez também faz referência específica aos índios da América Latina como uma classe social e cultural particularmente marginalizada.

Neste contexto do reconhecimento da dignidade humana, há quem acuse Las Casas de ter defendido muito os índios, mas de ter olhado para o lado no que concerne à escravatura negra. Mas isto, de facto, não corresponde à verdade. Para além do seu livro *Brevíssima relação da destruição das Índias*, numa obra menos conhecida, Las Casas também faz a defesa dos negros e dos *guanches*<sup>16</sup>, e a crítica da sua escravização. Este texto, intitulado "Brevíssima

<sup>15</sup> O próprio D. Hélder Câmara também foi vítima de perseguições e difamações várias. Além disso, foi várias vezes marginalizado e silenciado durante a ditadura militar brasileira, e a fachada da sua casa, em certa ocasião, chegou a ser metralhada.

<sup>16</sup> Os *guanches* eram os povos indígenas das ilhas Canárias.

relação da destruição de África, prelúdio da destruição das Índias”, encontra-se integrado na sua *História das Índias*<sup>17</sup>.

Deste reconhecimento da dignidade, unidade e igualdade de toda a pessoa humana é que deriva a noção de bem comum, no sentido atribuído pela Doutrina Social da Igreja, enquanto “o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada um dos seus membros, alcançar mais plena e facilmente a sua própria perfeição”<sup>18</sup>. Ora, isto implica que cada grupo humano tenha em conta as necessidades e legítimas aspirações dos demais grupos e que sejam criadas estruturas políticas e sociais a favor de todos os membros da comunidade e não só de alguns.

Claro está que este entendimento do bem comum colide necessariamente com os interesses egoístas da oligarquia opressora do tempo de Las Casas, que eram os interesses dos colonos espanhóis, ávidos de lucro fácil; e do tempo de Gustavo Gutiérrez, que eram os interesses dos beneficiários diretos do sistema capitalista latino-americano dos anos 60-80 (essencialmente os grandes latifundiários, alguns monopólios comerciais, a nomenclatura do sistema político e militares e as grandes instituições financeiras).

Por fim, vale a pena lembrar que o princípio da opção preferencial pelos mais pobres é também uma imagem de marca, quer no ensinamento de Las Casas quer no ensinamento de Gustavo Gutiérrez. Está em causa uma opção ‘preferencial’ e não ‘exclusiva’ por quem não conseguiu, não só vencer, como até mesmo sobreviver, no sistema vigente: os índios, em Las Casas; os oprimidos e explorados da América Latina, em Gustavo Gutiérrez.

Gustavo Gutiérrez define assim a pessoa do pobre, por quem toma especial partido: “O pobre é o subproduto do sistema em que vivemos e pelo qual somos responsáveis. É o marginalizado no nosso mundo social e cultural [...] é o oprimido, o explorado, o proletário, o despojado do fruto do seu trabalho, o espoliado do seu ser homem. É por isso que a pobreza do pobre não é um apelo a uma ação generosa que a alivie, mas a exigência de construção duma ordem social diferente”<sup>19</sup>.

Outro traço comum entre Las Casas e Gustavo Gutiérrez é a natureza profética da sua pregação. O discurso profético caracteriza-se, desde os tempos dos profetas bíblicos, por uma dupla dimensão: a dimensão do anúncio e a dimensão da denúncia.

<sup>17</sup> Mas que tem atualmente uma edição autónoma, elaborada por Isacio Pérez Fernández: LAS CASAS, Bartolomé, *Brevisima relación de la destrucción de África, prelúdio de la destrucción de Índias*. Salamanca – Lima: Ed. San Esteban/Instituto Bartolomé de Las Casas, 1989.

<sup>18</sup> Cf. *Gaudium et Spes* n.º 26.

<sup>19</sup> Cf. GUSTAVO, Gutiérrez, *Práxis, Política e Fé Cristã*. Lima: JEC, 1973, p. 9.

Anúncio da presença de Deus no mundo e nos homens, um Deus que faz caminho conosco na história humana. Efetivamente, mais que pressagiar o futuro, o verdadeiro profeta é aquele que sabe ler e discernir, através dos sinais dos tempos, a vontade de Deus para os diferentes momentos históricos e seus desafios, em fidelidade ao Evangelho. Foi isto que fizeram tanto Las Casas como Gustavo Gutiérrez.

A outra dimensão de que falávamos diz respeito à denúncia profética, com a exposição corajosa de situações de injustiça manifesta. Uma vez mais, a coragem da denúncia profética está bem patente na vida destes dois homens. E aqui chamamos a atenção para uma denúncia em particular, que aparece muito nos escritos de um e outro autor: a trágica relação ouro-morte.

Sobre este tema, Las Casas pronuncia-se abundantemente na sua obra *Brevíssima relação da destruição das Índias*. A cobiça e a ambição dos colonos espanhóis estava diretamente ligada à morte prematura e injusta dos indígenas por via da exploração do trabalho, dos maus-tratos, da deficiente alimentação e falta de prestação de cuidados de saúde básicos. Vale a pena atentar nalgumas citações da referida obra:

O motivo por que os cristãos mataram e destruíram tantas, tais e um tão infinito número de almas foi somente o de terem como fim último o ouro e de se encherem de riquezas em breves dias e de subirem a posições muito elevadas...<sup>20</sup>

E assim repartidos [os índios] por cada cristão, eram eles dados com o pretexto de serem ensinados nas coisas da fé católica, sendo todos esses cristãos ignorantes e homens cruéis, muito avaros e corrompidos [...]. E o cuidado que com eles tiveram foi o de enviarem os homens para as minas para extraírem ouro, que é um trabalho intolerável, e às mulheres metiam-nas nas fazendas, que são granjas, a cavar as lavouras e a cultivar a terra, que é um trabalho para homens muito fortes e rijos. À uns e às outras só davam para comer ervas e coisas que não tinham substância. [...]. Morreram os homens nas minas de trabalho e de fome, e elas do mesmo modo pereceram nas fazendas ou nas granjas...<sup>21</sup>

A tirania que os espanhóis exercem contra os índios na recolha das pérolas é uma coisa das mais condenáveis e cruéis que existem no mundo...<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Cf. MONTESINOS, António; LAS CASAS, Bartolomeu; VITÓRIA, Francisco, *E Estes Não Serão Homens?*, p. 60.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 120.

Gustavo Gutiérrez, por sua vez, vê no âmago do sistema capitalista internacional do seu tempo, e nas estruturas sociais a ele ligadas, uma verdadeira idolatria do dinheiro (o 'ouro'), que justifica a opressão, a miséria e a própria morte – morte precoce e injusta – de largos sectores da sociedade da América Latina.

A idolatria assume-se, desde os tempos bíblicos, como o paradigma por excelência da alienação humana. Na S.E., a recusa de Deus não é tanto o ateísmo como a idolatria. Efetivamente, os falsos deuses é que constituem a negação do Deus bíblico. O crente cai na idolatria quando põe a sua confiança mais radical – i.e., o seu 'coração' – em algo que não é Deus.

Conforme nos ensina Gustavo Gutiérrez, são três as características principais da idolatria<sup>23</sup>: *A confiança* – a pessoa põe a sua confiança no ídolo. O ídolo é de *produção humana* – o ídolo é um produto humano. O dinheiro, concretamente, é o resultado duma ação humana. Vale a pena ler, a este respeito, *Is 44, 9-20* (sátira contra os ídolos). E, finalmente, o ídolo não passa sem *vítimas*. O ídolo é um deus assassino, pois exige vítimas humanas. Derrama-se muito sangue por causa do ídolo. Quantas guerras e atropelos aos mais elementares direitos humanos por causa do poder, do dinheiro ou de ideologias políticas, por exemplo? Por isso, o ídolo está nos antípodas do Deus da vida. O carácter absoluto do mercado, qual oráculo divino, e o primado do lucro justificam a espoliação do pobre e, em última instância, o sacrifício da sua própria vida.

Quer em Las Casas quer em Gustavo Gutiérrez é patente o carácter idólatrico que poderá assumir o ouro/dinheiro e a sua relação direta com a morte precoce e injusta dos índios, dos mais pobres e desfavorecidos.

Finalmente, outro traço comum a Las Casas e Gustavo Gutiérrez diz respeito à sua coerência existencial e à sua unidade de vida, patente nas suas opções pessoais.

Como vimos, Las Casas viveu em diferentes regiões da América espanhola, onde foi um evangelizador incansável, fazendo ao mesmo tempo a ponte com Espanha, onde vinha periodicamente interceder pelos índios junto das autoridades coloniais e onde escreveu numerosas obras em defesa dos índios, que nos chegaram até aos dias de hoje. Isto tudo numa época em que as viagens marítimas eram uma aventura cheia de perigos e grandes incómodos. Foi também ordenado bispo de Chiapas (México), em 1544, já com 70 anos de idade, tendo ido para lá viver, o que demonstra a sua dedicação e entrega à causa da pacificação da colonização espanhola e fidelidade evangélica.

Gustavo Gutiérrez, por seu lado, também manteve toda a vida um estilo de vida consentâneo com a sua mensagem teológica de promoção e defesa dos

<sup>23</sup> Cfr. GUTIÉRREZ Gustavo, *Le Dieu de la vie*. Paris: Cerf, 1986, p. 41-47.

mais pobres e desfavorecidos, de que dão testemunho a fundação do Instituto Bartolomé de Las Casas, em Lima, e a sua presença discreta, mas ativa, junto das populações mais pobres do Peru.

Podemos dar um exemplo concreto que nos foi transmitido pela Ir. Maria del Carmen Benito Álvarez, das Missionárias Dominicanas do Rosário. Nos anos 90, a Ir. Carmen viveu em Lima e lá conheceu pessoalmente Gustavo Gutiérrez. As irmãs têm duas casas em Lima, uma numa zona mais afluente e outra em Rimac, um bairro pobre de favelas. Ora, era precisamente neste bairro que vivia Gustavo Gutiérrez, isto numa altura em que já era um teólogo de fama mundial. Gutiérrez trabalhou muito com as irmãs, sobretudo ao nível de ações de formação cultural e bíblico-teológica junto da população local, tendo criado comunidades de base onde se ministravam cursos bíblicos.

### Considerações finais

Las Casas e, na sua pegada, mas com características próprias, Gustavo Gutiérrez foram grandes missionários e evangelizadores, cada um à sua maneira. Mas um e outro não devem ser colocados dentro de uma redoma, acima de qualquer crítica. A abordagem e a implementação prática do seu pensamento teológico às realidades do mundo em que viveram também estão marcadas por limites e algumas ambiguidades. No caso de Gustavo Gutiérrez, por exemplo, é manifesta a sua sedução por algumas teses marxistas, à semelhança de muitos outros intelectuais do seu tempo.

Se é certo que não são inéditos os pontos de contacto teórico entre o ideal marxista e o ideal comunitário cristão, expressos, nomeadamente, no estilo de vida das ordens monásticas e mendicantes, de todo o modo, nalguns dos seus escritos, Gustavo Gutiérrez assume posições de claro radicalismo, adotando o paradigma da luta de classes e a conflitualidade intrinsecamente inerente a esse paradigma, chegando a defender abertamente um sistema socialista, imposto por via revolucionária. A título de exemplo, podemos compulsar nas seguintes afirmações do autor:

Optar pelo pobre (numa ótica de compromisso libertador) é optar por uma classe social e contra outra. Tomar consciência de facto da luta de classes é tomar partido pelos explorados.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo, *Práxis, política e fé cristã*, p. 9.

Sem dúvida, o Evangelho manda-nos amar os nossos inimigos; no contexto político da América Latina isso implica reconhecer de facto a luta de classes e aceitar que se têm inimigos de classe e há que combatê-los. Não se trata de não ter inimigos, mas de não os excluir do nosso Amor.<sup>25</sup>

A miséria e a injustiça que marcam a vida na América Latina são demasiado profundas para que possamos pensar em medidas atenuantes. Por isso falamos de revolução social e não de reformas, de libertação e não de 'desenvolvimentismo' ('*desarrolismo*'), de socialismo e não de modernizações do sistema reinante.<sup>26</sup>

Gustavo Gutiérrez e muitos teólogos da libertação rejubilaram com a revolução cubana de 1959, mas esta redundou numa ditadura e num sistema económico completamente disfuncional. O mesmo se diga em relação ao apoio dado pelos teólogos da libertação ao regime sandinista na Nicarágua, inaugurado em 1979, que mergulhou o país na guerra civil.

Gustavo Gutiérrez também não está isento, a nosso ver, de uma certa canonização das classes sociais mais desfavorecidas, quando a experiência nos ensina que a moralidade, e concretamente a moral cristã, não depende da pertença a certas e determinadas classes sociais, sendo antes e primordialmente o resultado de um esforço pessoal que tão-pouco se herda.

No que diz respeito a Las Casas, este missionário parte, no ano de 1521, para o território de Cumaná, com o apoio do imperador Carlos V (Carlos I de Espanha) onde procura pôr em prática as suas teorias de colonização pacífica; contudo, estas revelaram-se um fracasso e conduziram à chacina de grande número de colonos espanhóis – e também de alguns frades – às mãos dos índios.

Também nos parece plausível, após a leitura da *Brevíssima relação da destruição das Índias*, que Bartolomeu de Las Casas tenha pintado deliberadamente um quadro geral exageradamente negativo das Índias Ocidentais. Sem pôr em causa os abusos que efetivamente foram cometidos pelos espanhóis na América, trata-se de um texto manifestamente apologético, com o fim – totalmente legítimo (e cristão) – de forçar a alterações profundas no regime do sistema colonial espanhol, no sentido de defender os índios, o que, aliás, foi parcialmente atingido com as chamadas 'Leis Novas', das quais já atrás tivemos ocasião de falar.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>26</sup> Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo, *La Force historique des pauvres*. Paris: Cerf, 1986, p. 24. Tradução nossa.

Nesta obra de Las Casas os índios aparecem sempre como pessoas de grande candura e correção, sem exceção, enquanto os colonos e militares espanhóis são invariavelmente péssimos<sup>27</sup>. Não é relatado nesta obra um único caso de um colono que fosse amigo dos índios, que os auxiliasse de algum modo, que fosse mais consciencioso dos seus deveres cristãos.

Outro problema nesta obra diz respeito aos números de mortos e deslocados que Las Casas aponta entre a população dos índios, naturalmente sem rigor científico. Las Casas não tinha maneira de fazer cálculos daquela envergadura. Aliás, é uma questão que ainda hoje é muito discutida entre os historiadores e objeto de muita politização. Ilustramos esta situação com uma breve citação:

Daremos por conta bem certa e verdadeira que foram mortas nos ditos quarenta anos, pelas ditas tiranias e infernais obras dos cristãos, injusta e tiranicamente, mais de doze milhões de almas, contando homens, mulheres e crianças; e, em verdade, creio mesmo, sem pensar enganar-me, que serão mais de quinze milhões.<sup>28</sup>

Agora, não há dúvida de que houve uma grande mortandade entre as populações indígenas da América espanhola, no seguimento da chegada dos espanhóis. Mas é hoje consensual entre os especialistas que a grande mortandade que aí ocorreu, muito mais do que às guerras de conquista e à servidão, se deveu, primordialmente, às doenças epidémicas que os europeus e, mais tarde, os escravos africanos inadvertidamente transmitiram às populações autóctones<sup>29</sup>.

Mas por essa calamidade não pode ser assacada responsabilidade moral aos espanhóis. Nunca esteve em causa uma guerra biológica consciente e deliberada. Ora, Las Casas, manifestamente, e sem culpa nenhuma, desconhecia por completo o efeito devastador destas doenças, o que é natural numa época em que nem sequer se conhecia a existência de micróbios. Este desconhecimento está bem patente na seguinte afirmação, que transcrevemos, onde Las Casas afirma que a guerra e a servidão foram as duas

<sup>27</sup> "Nestas mansas ovelhas [...] entraram desde logo os espanhóis, mal as conheceram, como lobos, tigres e crudelíssimos leões famintos de muitos dias" (cf. MONTESINOS, António; LAS CASAS, Bartolomeu; VITÓRIA, Francisco, *E Estes Não Serão Homens?*, p. 58). Na Nova Espanha (México), por exemplo, está bem documentado que o império asteca realizava sacrifícios humanos, particularmente cruéis, em larga escala.

<sup>28</sup> Cf. MONTESINOS, António; LAS CASAS, Bartolomeu; VITÓRIA, Francisco, *E Estes Não Serão Homens?*, p. 59.

<sup>29</sup> Foi o caso da varíola, do tifo, do sarampo, da febre amarela, da peste bubónica, entre outras.

principais causas da morte de tantos índios, mas não faz qualquer referência às doenças endêmicas que constituíram, afinal, a principal causa de morte da maioria dos índios:

Duas maneiras gerais e principais tiveram os que para ali se foram, chamados cristãos, a fim de extirpar e fazer desaparecer da face da terra aquelas miserandas nações. Uma foi por meio de injustas, cruéis, sangrentas e tirânicas guerras. A outra [...] oprimindo-os com a mais dura, horrível e desabrida servidão...<sup>30</sup>

Em conclusão, queríamos com este capítulo final chamar a atenção para alguns limites, quer da parte de Las Casas quer da parte de Gustavo Gutiérrez, naturalmente ligados a um certo idealismo, mas que em nada ofuscam o enorme trabalho apostólico realizado por um e outro, cada um com o seu contributo específico, em favor da Igreja universal e da humanidade em geral.

Las Casas e Gustavo Gutiérrez foram corajosos profetas do seu tempo, homens de fronteira, polémicos por vezes, mas, acima de tudo, homens de fé e homens de Igreja.

<sup>30</sup> Cf. MONTESINOS, António; LAS CASAS, Bartolomeu; VITÓRIA, Francisco, *E Estes Não Serão Homens?*, p. 59-60.